

INICIAÇÃO À UMBANDA

*Ronaldo Antonio Linares
Diamantino Fernandes Trindade
Wagner Veneziani Costa*



MADRAS®

Ronaldo Antonio Linares
Diamantino Fernandes Trindade
Wagner Veneziani Costa

INICIAÇÃO À UMBANDA



*Esta obra não é mediúnica, nem psicografada.
É fruto da árdua pesquisa e vivência cotidiana
dos autores nos terreiros de Umbanda e cultos
afro-brasileiros.*

ÍNDICE

Os Autores.....	11
RONALDO ANTONIO LINARES.....	11
DIAMANTINO FERNANDES TRINDADE.....	12
WAGNER VENEZIANI COSTA.....	13
Apresentação.....	15
Introdução.....	17
A Implantação do Espiritismo no Brasil.....	19
Zélio de Moraes e a Tenda Nossa Senhora da Piedade.....	21
Raízes do Ritual Umbandista.....	29
O Caboclo das Sete Encruzilhadas.....	33
Como Conheci Zélio de Moraes.....	40
Entrevista com Zélio de Moraes.....	45
Zélio de Moraes — 66 Anos de Mediunidade.....	48
O Significado da Palavra Umbanda.....	51
A Presença do Negro e do Índio na Umbanda.....	53
A Codificação da Religião Umbandista.....	60
A Umbanda é uma Religião ou uma Seita?.....	63
Como Cresce a Umbanda?.....	66
IGREJAS VAZIAS?.....	66
COMO NASCE UM TERREIRO DE UMBANDA?.....	66
Sincretismo Religioso.....	69
Resistência e Candomblé.....	71

Os Orixás e as Sete Linhas da Umbanda	75
Características dos Filhos dos Orixás	83
CARACTERÍSTICAS DOS FILHOS DE OXALÁ	83
CARACTERÍSTICAS DOS FILHOS DE IANSÃ.....	84
CARACTERÍSTICAS DOS FILHOS DE COSME E DAMIÃO	85
CARACTERÍSTICAS DOS FILHOS DE IEMANJÁ	85
CARACTERÍSTICAS DOS FILHOS DE OXUM.....	86
CARACTERÍSTICAS DOS FILHOS DE OXÓSSI	86
CARACTERÍSTICAS DOS FILHOS DE OGUM.....	87
CARACTERÍSTICAS DOS FILHOS DE XANGÔ	88
CARACTERÍSTICAS DOS FILHOS DE NANÃ BURUQUÊ	89
CARACTERÍSTICAS DOS FILHOS DE OBALUAIÊ.....	89
NOTA EXPLICATIVA	90
As Entidades na Umbanda	91
Saudações aos Orixás e às Entidades.....	93
Alguns Aspectos da Mediunidade.....	95
RESSURREIÇÃO... REENCARNAÇÃO!	95
ENTÃO, O QUE É MEDIUNIDADE?	96
AS DIFERENTES FORMAS DE MEDIUNIDADE	98
Mediunidade: Prêmio ou Castigo?.....	101
Ascensão e Queda de um Médium.....	105
De Israel a Jesus.....	107
Magia Negra e os Exus na Umbanda.....	111
OS BRANCOS	119
OS NEGROS	120
OS ÍNDIOS.....	120
Autossugestão, Guias Amarrados, Carnaval, Semana Santa e Natal	123
O Dia de Finados e a Umbanda	126
OFERENDA AOS EXUS E OBALUAIÊ.....	126
Ritual para Abertura dos Trabalhos.....	128
Procedimento do Corpo Mediúnico Dentro do Terreiro	132
As Guias na Umbanda	134
O Uso das Velas na Umbanda	137
A Toalha Ritualística	140
Os Patuás.....	141
MAS, AFINAL, O QUE É PATUÁ?.....	142

PATUÁS DE EXU	143
Banhos — Defumações — Descarregos com Pólvora	144
DESCARREGOS COM PÓLVORA	147
O Amaci	148
ROL DAS PLANTAS E FLORES NECESSÁRIAS.....	149
EXPLICAÇÕES NECESSÁRIAS	150
DESENVOLVIMENTO.....	150
NOTA IMPORTANTE.....	151
O Abô.....	152
ROL DAS ERVAS NECESSÁRIAS.....	152
Pemba — Pemba Pilada	155
Relação do Material que o Médium Deve Ter Sempre à Mão	157
Pontos Riscados	159
Pontos Cantados.....	161
Obrigações na Umbanda	170
CURIADORES (BEBIDAS DE CADA ORIXÁ).....	172
Batismo de Médiuns — Obrigação a Oxalá	173
ROL DO MATERIAL NECESSÁRIO.....	173
ROL DO MATERIAL UTILIZADO PELO PAI ESPIRITUAL	174
Batismo de Crianças na Umbanda	179
O Casamento na Umbanda.....	183
BODAS DE PRATA	187
Pompas Fúnebres na Umbanda	188
Trabalho de Desobsessão	191
COMO SE PROCESSA UMA DESOBSCESSÃO?.....	191
Limpeza Espiritual de Residências e outros Recintos	194
VIBRAÇÕES NEGATIVAS.....	194
CASA OU AMBIENTE AINDA NÃO-OCUPADO	195
CASA QUE JÁ FOI HABITADA	197
O Trabalho de Sacudimento na Umbanda.....	200
O que Fazer com um “Despacho” em sua Porta?.....	203
Datas Comemoradas na Umbanda.....	204
Hino à Umbanda	205
Juramento do umbandista	206
Hierarquia umbandista	207
O TERREIRO	207

OS PASSOS DO MÉDIUM DE INCORPORAÇÃO.....	207
Aspectos Sociais da Religião Umbandista.....	209
Jornal <i>A Caridade</i>	213
Preces	215
PRECE DE CÁRITAS	215
ORAÇÃO AO SENHOR	216
ORAÇÃO DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS.....	216
PRECE PARA ABERTURA DOS TRABALHOS.....	217
Lembrete ao Irmão de Fé	218
Tu Sabes o que é Caridade?	219
Por que sou Umbandista!	220
Luz Divina.....	221
O Centenário da Umbanda.....	222
INICIAÇÃO.....	224

OS AUTORES

RONALDO ANTONIO LINARES

É filho de fé do famoso Babalaô Joãozinho da Goméia, a quem conheceu muito jovem quando dava seus primeiros passos no Candomblé, nos subúrbios do Rio de Janeiro.

Babalaô da Roça de Candomblé Obá — Ilê (digna do autor). Radialista especializado em programas de divulgação da Umbanda e do Candomblé na Rádio Cacique de São Caetano do Sul, participando dos seguintes programas: “Iemanjá dentro da noite”, “Ronaldo fala de Umbanda” e, por quase dezoito anos consecutivos, “Umbanda em Marcha”, além da programação diária “Momento de Prece”.

Foi o primeiro a mencionar a figura de Zélio de Moraes em jornais de grande circulação em São Paulo como o *Diário do Grande ABC* e o antigo *Notícias Populares*.

É colunista do jornal *A Gazeta do Grande ABC*.

Na televisão, participou durante quase quatro anos do programa “Xênia e você” na TV Bandeirantes. Participou como produtor e apresentador durante seis meses do programa “Domingos Barroso no Folclore, na Umbanda e no Candomblé”, programa dominical com duas horas de duração, na TV Gazeta.

Porta-voz oficial do Superior Órgão de Umbanda do Estado de São Paulo (SOUESP), título que lhe foi concedido pelo general Nelson Braga Moreira.

Diretor-presidente da Federação Umbandista do Grande ABC desde novembro de 1974.

Criador do primeiro Santuário Umbandista do Brasil, o Santuário Nacional da Umbanda no Parque do Pedroso em Santo André, São Paulo, com 640 mil m².

Membro permanente da diretoria do SOUESP desde 1970.

Cavaleiro de Ogum, honraria que lhe foi concedida pelo Círculo Umbandista do Brasil.

Em 15 de novembro de 2005, foi agraciado com a medalha Zélio de Moraes pelo Instituto Cultural de Apoio às Religiões Afro.

Ronaldo Antonio Linares considera a maior honraria de sua vida ter conhecido em vida e privado da amizade do senhor Zélio Fernandino de Moraes, Pai da Umbanda, considerando-se filho espiritual de sua filha Zilméia Moraes da Cunha.

DIAMANTINO FERNANDES TRINDADE

É professor de História da Ciência do Centro Federal de Educação Tecnológica de São Paulo e Química Ambiental da Universidade Cidade de São Paulo, além de Mestre em Educação pela Universidade Cidade de São Paulo e Doutor em Educação pela PUC-SP.

Autor de livros sobre Educação e Ciências: *A História da História da Ciência, Temas Especiais de Educação e Ciências, O Ponto de Mutação no Ensino das Ciências, Os Caminhos da Educação e da Ciência no Brasil* e outros.

E, também, de livros sobre Umbanda: *Umbanda e Sua História, Umbanda — Um Ensaio de Ecletismo, Iniciação à Umbanda* e outros.

Filho de fé do Babalaô Ronaldo Antonio Linares.

Foi médium do Templo de Umbanda Ogum Beira-Mar, dirigido por Edison Cardoso de Oliveira, durante nove anos.

Vice-presidente da Federação Umbandista do Grande ABC no período de 1985 a 1989 e membro do Conselho Consultivo do Superior Órgão de Umbanda do Estado de São Paulo no mesmo período.

Relator do Fórum de Debates “A Umbanda e a Constituinte”, realizado na Assembleia Legislativa de São Paulo, em 1988.

Foi colunista do jornal Notícias Populares, escrevendo aos domingos sobre a história e os ritos da Umbanda.

Pesquisou os cultos da Umbanda e do Candomblé em diversos terreiros brasileiros, visitando várias vezes a Tenda Nossa Senhora da Piedade e a Cabana de Pai Antonio, onde conviveu com Zélia de Moraes Lacerda e Zilméia de Moraes Cunha.

Durante sete anos, dirigiu o Templo da Confraria da Estrela Dourada do Caboclo Sete Lanças.

WAGNER VENEZIANI COSTA

Alguns profissionais são formados nos bancos acadêmicos, outros já nascem feitos. Assim podemos considerar o autor Wagner Veneziani Costa (1963-2019) no campo literário. Ainda na adolescência, começou a elaborar os primeiros escritos a respeito de temas nada comuns a um jovem de 16 anos; discorria a respeito de Magia e Hermetismo em forma de prosa e verso.

A partir daí, as ideias foram aflorando e ele escreveu diversos livros a respeito dos mais variados temas, alguns dos quais se tornaram *best-sellers*, como *Tarô do Cigano*, *O Livro da Sorte e do Destino* e *Além do que se Vê*.

O tempo mostrou que as letras eram realmente parte integrante de sua vida. Em 1995, fundou, com seu pai, a Madras Editora, transformando-a no decorrer dos anos na maior editora holística do Brasil, e hoje, a maior no segmento Maçonaria e Umbanda.

Para muitos, Wagner era um revolucionário, para outros, um idealizador; para outros ainda, um sonhador... Talvez porque ele sempre foi um eterno insatisfeito em seus objetivos. Com sua mente criativa e ativa, ele queria sempre mais.

A Filosofia era uma área que o fascinava, pois sendo ela Amor ao Conhecimento, instiga o ser humano a ultrapassar os limites do senso comum. Ele também acreditava que tudo no Universo é dual, por isso respeitava a Luz e a Escuridão.

Em suas buscas, Wagner encontrou a Maçonaria, na qual percorreu diversos caminhos e debruçou com afinco em estudos e pesquisas sobre a história, o simbolismo e a filosofia da Ordem. Foi Grão-Mestre do Grande Priorado do Brasil das Ordens Unidas Religiosas, Militares e Maçônicas do Templo de São João de Jerusalém, Palestina, Rodes e Malta e Grão-Prior e Grão-Mestre Nacional do Grande Priorado do Brasil da Ordem dos Cavaleiros Benfeitores da Cidade Santa – CBCS. Trabalhar com o Wagner neste projeto foi uma aventura fascinante! Laborar com ele na Madras Editora era um aprendizado constante!

Equipe Editorial

APRESENTAÇÃO

A Madras Editora traz até você uma obra que fez muito sucesso entre os umbandistas e adeptos dos cultos afro-brasileiros nas décadas de 1980 e 1990. Ao relançar este livro, a Madras dá prosseguimento a uma de suas propostas: o resgate de obras importantes, que não estavam disponíveis aos leitores. Esta obra tem como objetivo mostrar as origens da Umbanda, as raízes de seu ritual, suas práticas etc.

Ronaldo Antonio Linares, Diamantino Fernandes Trindade e eu trilhamos um caminho que abre novos horizontes para a religião umbandista, uma vez que, das centenas de trabalhos já editados, nada há de comparativo com este livro.

Em 1972, Ronaldo Antonio Linares teve seu primeiro contato com o pioneiro da Umbanda, Zélio Fernandino de Moraes, que lhe fez revelações até então desconhecidas da maioria dos umbandistas. Suas dúvidas sobre os rituais praticados nos milhares de terreiros foram sendo elucidadas e, desde então, vem trazendo aos adeptos e simpatizantes da religião todos os seus conhecimentos. Foi o primeiro a escrever sobre o médium do Caboclo das Sete Encruzilhadas em vários jornais de grande circulação do Brasil. Diamantino Fernandes Trindade escreveu, em 1983, uma monografia sobre os aspectos históricos e sociais da Umbanda no Brasil no curso de pós-graduação em Estudos Brasileiros da Universidade Mackenzie e, a partir daí, passou também a escrever

sobre o assunto em diversos veículos de comunicação, propagando os ensinamentos de seu mestre. Parabéns, caro leitor! Você está de posse de uma obra que é um marco para a Umbanda. A vivência dos autores está à sua disposição para elucidar questões cotidianas dos milhares de terreiros espalhados por este imenso Brasil.

Wagner Veneziani Costa

INTRODUÇÃO

Nos últimos cinquenta anos, a Umbanda teve um crescimento bastante significativo em termos de adeptos e de templos.

O Censo do IBGE, de 2000, mostra que existem, no Brasil, 432 mil umbandistas. Esse número não condiz com a verdade, pois a maioria dos umbandistas se declara católico ou espírita. Estudos particulares das federações umbandistas estimam em 40 milhões o número de adeptos no Brasil. A Umbanda tem se propagado por intermédio de vários países, tais como Argentina, Uruguai, Paraguai, Portugal, Estados Unidos, etc. Várias convenções umbandistas costumam lotar o estádio do Penharol, em Montevideu, no Uruguai. Na Argentina e no Uruguai, é necessário uma prova de filiação a alguma entidade oficial de culto no Brasil para se conseguir licença de funcionamento. Isso ocorre pelo fato de as autoridades argentinas e uruguaias considerarem a Umbanda como uma “religião brasileira”.

A primeira tenda de Umbanda, Tenda Nossa Senhora da Piedade, fundada pelo médium Zélio de Moraes e seu guia espiritual, o Caboclo das Sete Encruzilhadas, foi a pedra fundamental para a criação de novas tendas que rapidamente se espalharam pelo Brasil e outros países. Porém, esse crescimento nem sempre foi acompanhado pela organização e normas determinadas por esta portentosa entidade. Nesta obra, Ronaldo, Diamantino e Wagner mostram, de forma clara, como devem proceder os chefes de terreiro, seus médiuns e adeptos para que a Umbanda possa ser praticada de uma forma simples e eficiente, deixando de lado os dogmas, as fantasias e os delírios que muitas vezes fazem parte do cotidiano dos terreiros.

A vivência e a dedicada pesquisa dos autores estão disponíveis nesta obra para todos aqueles que desejarem seguir as verdadeiras e preciosas orientações do Caboclo das Sete Encruzilhadas e de seu médium, Zélio Fernandino de Moraes.

A IMPLANTAÇÃO DO ESPIRITISMO NO BRASIL

A era espírita é marcada oficialmente pela publicação, em 18 de abril de 1857, do *Livro dos Espíritos*. Esse livro se apresentava como o código de uma nova fase da evolução humana.

Allan Kardec,* nascido a 3 de outubro de 1804 na cidade de Lion, França, serviu como intermediário para as primeiras manifestações do plano espiritual. Sobre o *Livro dos Espíritos*, erguia-se um edifício: o da doutrina espírita. O Espiritismo surgiu e se propagou com ele.

O Brasil recebeu como herança do período colonial, uma formação católica. A pressão exercida pela Igreja Católica Romana não permitia a livre manifestação dos seguidores de outras crenças religiosas ou de livres-pensadores. Só nos últimos tempos a nossa sociedade permitiu uma certa liberdade de crença.

Na segunda metade do século XIX, encontramos os senhores do café tendo à sua disposição os vastos recursos proporcionados pela multiplicação das imensas fortunas obtidas com a lavoura do café. Essas fortunas cresciam largamente no Vale do Paraíba (eixo São Paulo-Rio). Surgiram então os novos ricos que se regalavam com viagens, em confortáveis vapores, aos mais importantes centros culturais e recreativos da Europa, destacando-se Paris que, após a Revolução Francesa, tornara-se o maior centro cultural do mundo. Revolução esta que permitiu a liberalização das ideias, livrou a

*N.E.: Sugerimos a leitura de *Resumo Analítico das Obras de Allan Kardec*, de Florentino Barrera, Madras Editora.

França da pressão da Igreja tradicional e reconheceu a liberdade de crença para todo ser humano.

Dessa maneira, alguns médiuns puderam começar a procurar respostas para as suas dúvidas depois de tomar conhecimento das experiências vividas por Allan Kardec, com a possibilidade de comunicação com os espíritos dos mortos.

A nossa sociedade absorvia rapidamente todas as novidades vindas da França tais como moda, ciência, perfumaria, etc. Uma dessas novidades eram os fenômenos espíritas.

Sendo assim, a princípio, o Espiritismo foi praticado pela sociedade aristocrática, fato que não necessariamente ocorria na Europa.

No Brasil, o Espiritismo tornou-se rapidamente preconceituoso e pedante. Quem, em vida, não tivesse sido importante não possuía o direito de se manifestar nas chamadas sessões espíritas (mesas brancas). Isso se justifica, pois as famílias que defendiam as doutrinas de Allan Kardec haviam se beneficiado do trabalho escravo e suas fortunas eram, não raras vezes, conseguidas a custa do sangue de um povo negro que eles haviam aprendido a renegar e desprezar. Por isso, em uma mesa kardecista, um médium que incorporava um Preto-Velho era de imediato convidado a se retirar da sessão, acusado de praticar baixo espiritismo.

Estávamos em 1908 e esse era o quadro geral do Espiritismo de então, no Brasil.

ZÉLIO DE MORAES E A TENDA NOSSA SENHORA DA PIEDADE

Quando do primeiro contato de Ronaldo Linares com Zélio de Moraes, em 1972, este lhe narrou como tudo começou.

Em 1908, o jovem Zélio Fernandino de Moraes estava com 17 anos e havia concluído o curso propedêutico (equivalente ao atual Ensino Médio). Zélio preparava-se para ingressar na Escola Naval, quando fatos estranhos começaram a acontecer.

Às vezes, ele assumia a estranha postura de um velho, falando coisas aparentemente desconexas, como se fosse outra pessoa e que havia vivido em outra época. Em certas ocasiões, sua forma física lembrava um felino lépido e desembaraçado que parecia conhecer todos os segredos da Natureza, os animais e as plantas.

Esse estado de coisas logo chamou a atenção de seus familiares, principalmente porque ele se preparava para seguir carreira na Marinha, como aluno oficial. As coisas foram se agravando e os chamados “ataques” repetiam-se cada vez com maior intensidade. A família recorreu então ao médico dr. Epaminondas de Moraes, tio de Zélio e diretor do Hospício de Vargem Grande.

Após examiná-lo e observá-lo durante vários dias, reencaminhou-o à família, dizendo que a loucura não se enquadrava em nada do que ele havia conhecido, ponderando ainda que seria melhor levá-lo a um padre, pois o garoto mais parecia estar endemoninhado. Como acontecia com quase todas as famílias importantes, também havia na família Moraes um padre católico. Por meio desse sacerdote, também tio de Zélio, foi realizado um exorcismo para livrá-lo daqueles incômodos. Entretanto, nem esse, nem os dois outros

exorcismos realizados posteriormente, inclusive com a participação de outros sacerdotes católicos, conseguiram dar aos Moraes o tão desejado sossego, pois as manifestações prosseguiram, apesar de tudo.

Depois de um certo tempo, Zélio passou alguns dias com uma espécie de paralisia, quando, repentinamente, se levantou e se sentiu completamente curado. No dia seguinte, voltou a caminhar como se nada tivesse ocorrido. Sua mãe, Dona Leonor de Moraes, levou-o a uma curandeira, muito conhecida na região, Dona Cândida, que incorporava o espírito de um Preto-Velho chamado Tio Antonio. Essa entidade conversou com Zélio e fazendo suas rezas disse-lhe que possuía o fenômeno da mediunidade e deveria trabalhar para a caridade. O pai de Zélio, sr. Joaquim Fernandino Costa, apesar de não frequentar centros espíritas, já era um adepto do Espiritismo, fazendo muitas leituras desse gênero. No dia 15 de novembro de 1908, por sugestão de um amigo de seu pai, Zélio foi levado à recém-fundada Federação Espírita de Niterói, município vizinho àquele onde residia a família Moraes, ou seja, Neves. A Federação era, então, presidida pelo senhor José de Souza (conhecido como Zeca, segundo palavras de Zélio), chefe de um departamento da Marinha chamado Toque-Toque.

O jovem Zélio foi conduzido à mesa pelo senhor José de Souza e, tomado por uma força estranha e alheia à sua vontade, levantou-se e disse: *Aqui está faltando uma flor*. Saiu da sala em direção ao jardim, voltando logo a seguir com uma flor que colocou no centro da mesa. Essa atitude causou um grande tumulto entre os presentes principalmente porque, ao mesmo tempo em que isso acontecia, ocorreram surpreendentes manifestações de Caboclos e Pretos-Velhos. O diretor da sessão achou aquilo tudo um absurdo e advertiu-os, com aspereza, citando o “seu atraso espiritual” e convidando-os a se retirarem. O senhor José de Souza, médium vidente, interpelou o espírito manifestado no jovem Zélio e foi, aproximadamente, este o diálogo ocorrido:

Sr. José: Quem é você que ocupa o corpo deste jovem?

O espírito: Eu sou apenas um caboclo brasileiro.

Sr. José: Você se identifica como um caboclo, mas eu vejo em você restos de vestes clericais.

O espírito: O que você vê em mim são restos de uma existência anterior. Fui padre, meu nome era Gabriel Malagrida e, acusado de bruxaria, fui sacrificado na fogueira da Inquisição por haver previsto o terremoto que destruiu Lisboa, em 1775. Mas, em minha última existência física, Deus concedeu-me o privilégio de nascer como um caboclo brasileiro.

Sr. José: E qual é o seu nome?

O espírito: Se é preciso que eu tenha um nome, digam que eu sou o Caboclo das Sete Encruzilhadas, pois para mim não existirão caminhos fechados. Venho trazer a Umbanda, uma religião que harmonizará as famílias e que há de perdurar até o fim dos tempos.

No desenrolar dessa “entrevista”, entre muitas outras perguntas, o senhor José de Souza interrogou se já não bastavam as religiões existentes e fez menção ao Espiritismo, então praticado, e foram estas as palavras do Caboclo das Sete Encruzilhadas:

Deus, em sua infinita bondade, estabeleceu na morte o grande nivelador universal. Rico ou pobre, poderoso ou humilde, todos se tornam iguais na morte, mas vocês homens preconceituosos, não contentes em estabelecer diferenças entre os vivos, procuram levar essas mesmas diferenças até mesmo além da barreira da morte. Por que não podem nos visitar esses humildes trabalhadores do espaço, se apesar de não terem sido pessoas importantes na Terra, também trazem importantes mensagens do além? Por que o não aos Caboclos e Pretos-Velhos? Acaso não foram eles também filhos do mesmo Deus?

A seguir, fez uma série de revelações sobre o que estava à espera da humanidade:

Este mundo de iniquidades mais uma vez será varrido pela dor, pela ambição do homem e pelo desrespeito às leis divinas. As mulheres perderão a honra e a vergonha, a vil moeda comprará caracteres e o próprio homem se tornará efeminado. Uma onda de sangue varrerá a Europa e quando todos pensarem que o pior já foi atingido, uma outra onda, muito pior do que a primeira, voltará a envolver a humanidade e um único engenho militar será capaz de destruir, em segundos, milhares de pessoas. O homem será uma vítima de sua própria máquina de destruição.

Prosseguindo diante do senhor José de Souza, disse ainda o Caboclo das Sete Encruzilhadas:

Amanhã, na casa onde o meu aparelho mora, haverá uma mesa posta a toda e qualquer entidade que queira se manifestar, independentemente daquilo que haja sido em vida, todos serão ouvidos e nós aprenderemos com aqueles espíritos que souberem mais e ensinaremos aqueles que souberem menos e a nenhum viraremos as costas nem diremos não, pois esta é a vontade do Pai.

Sr. José: E que nome darão a esta igreja?

O Caboclo: Tenda Nossa Senhora da Piedade, pois da mesma forma que Maria amparou nos braços o filho querido, também serão amparados os que se socorrerem da Umbanda.

A denominação de “Tenda” foi justificada assim pelo Caboclo: Igreja, Templo, Loja dão um aspecto de superioridade enquanto Tenda lembra uma casa humilde. Ao final dos trabalhos, o Caboclo das Sete Encruzilhadas

pronunciou a seguinte frase: *Levarei daqui uma semente e vou plantá-las nas Neves, onde ela se transformará em árvore frondosa.*

O senhor José de Souza fez ainda uma última pergunta: “Pensa o irmão que alguém irá assistir o seu culto”? Ao que o Caboclo respondeu: *Cada colina de Niterói atuará como porta-voz anunciando o culto que amanhã iniciarei.*

No dia seguinte, na rua Floriano Peixoto, nº 30, em Neves, município de São Gonçalo, estado do Rio de Janeiro, o Caboclo baixou. Na sala de jantar da família Moraes, às 20h do dia 16 de novembro de 1908, um grupo de curiosos kardecistas e dirigentes da Federação Espírita de Niterói estavam presentes para ver como seriam essas incorporações, para eles indesejáveis ou injustificáveis.

Logo após a incorporação, o Caboclo foi atender um paralítico, curando-o imediatamente. Várias pessoas doentes ou perturbadas tomaram passes e algumas se disseram curadas. O diálogo do Caboclo das Sete Encruzilhadas, como passou a ser chamado, havia provocado muita especulação e alguns médiuns que haviam sido banidos das mesas kardecistas, por haverem incorporado Caboclos, Crianças ou Pretos-Velhos, solidarizaram-se com aquele garoto que parecia não estar compreendendo o que lhe acontecia e que de repente se via como líder de um grupo religioso, obra essa que só terminaria com a sua morte, mas que suas filhas Zélia de Moraes e Zilméia de Moraes prosseguiram com o mesmo afã. Dona Zélia desencarnou em 1997 e Dona Zilméia, atualmente com 93 anos, continua sua tarefa mediúnica na Cabana de Pai Antonio.

No final dessa reunião, o Caboclo ditou certas normas para a sequência dos trabalhos, inclusive atendimento absolutamente gratuito, uso de roupas brancas simples, sem o uso de atabaques, nem palmas ritmadas, sendo os cânticos baixos e harmoniosos. A esse novo tipo de culto que se estruturava nessa noite, ele denominou de Umbanda, que seria *a manifestação do espírito para a caridade*. Posteriormente, reafirmou a Leal de Souza que Umbanda era uma linha de demanda para a caridade. Deve-se ressaltar que inicialmente o Caboclo chamou o novo culto de Alabanda, mas, considerando que não soava bem a sua vibração, substituiu-o por Aumbanda, ou seja, Umbanda.

O seu ponto cantado reflete a dimensão da sua missão:

*Cheguei, cheguei com Deus
Lá da Aruanda
Trazendo a Luz da Umbanda
Cheguei, cheguei com Deus
Lá da Aruanda
Trabalhador da madrugada*

*Eu sou Caboclo
Caboclo das Sete Encruzilhadas*

Leal de Souza, poeta, escritor e jornalista, foi dirigente da Tenda Nossa Senhora da Conceição, considerada por José Álvares Pessoa, uma das tendas mestras. Numa entrevista publicada no *Jornal de Umbanda*, em outubro de 1952, relatou: *A Linha Branca de Umbanda é realmente a Religião Nacional do Brasil, pois que, pelos seus ritos, os espíritos ancestrais, os pais da raça, orientam e conduzem suas descendências. O precursor da Linha Branca foi o Caboclo Curuguçu, que trabalhou até o advento do Caboclo das Sete Encruzilhadas que a organizou, isto é, que foi incumbido pelos guias superiores, que regem o nosso ciclo psíquico, de realizar na Terra a concepção do Espaço.*

O ponto cantado do Caboclo Curuguçu mostra a sua tarefa de preparar o terreno para a grande missão do Caboclo das Sete Encruzilhadas:

*Eu vem lá da Aruanda
Trazendo a Luz, a Luz da Umbanda
Eu vem com o clarim de Ogum
Anunciar que a Umbanda vai chegar*

*Eu é Caboclo de Umbanda
Eu venho do Cruzeiro do Sul
Eu é Caboclo Curuguçu*

*Meu grito já ecoou
É a Umbanda que chegou
Meu grito ecoou
Pai Oxalá quem me mandou*

*Eu é Curuguçu
Da corrente de Ogum
Que aqui chegou*

A história encarregou-se de mostrar e provar a exatidão das previsões do Caboclo das Sete Encruzilhadas. As duas guerras mundiais, as bombas atômicas lançadas sobre Hiroshima e Nagasaki e a grande degeneração da moral. O poder do dinheiro e o total desrespeito à vida humana são provas incontestáveis do poder de clarividência do Caboclo das Sete Encruzilhadas.

A comprovação da existência do frei Gabriel Malagrida pode ser feita no livro: *Eubiose: A Verdadeira Iniciação*, de Henrique José de Souza, publicado em 1978 pela Associação Editorial Aquarius, Rio de Janeiro.

Podemos ainda obter mais detalhes sobre ele no livro *História de Gabriel Malagrida*, de Paul Mury, publicado em edição de 1992 pelo Instituto



Figura 1: Retrato de Gabriel Malagrida

Italiano di Cultura. Esse livro foi traduzido da edição francesa de 1865 por Camilo Castelo Branco que também prefaciou a obra.

A Tenda Nossa Senhora da Piedade é reconhecida hoje como a primeira Tenda de Umbanda, e a data de 15 de novembro é considerada a data oficial de fundação da Umbanda.

Ronaldo Linares fez seu primeiro contato com Zélio de Moraes, em 1972. Antes disso, em 1969, o pesquisador norte-americano David St. Claire fez a mesma descoberta em sua pesquisa no Brasil, como pode ser visto em seu livro *Drums and Candles* (Tambores e Velas) editado por Doubleday and Company, Inc. — Garden City, New York (1971). A seguir, mostramos um trecho desse livro, bem como a sua tradução.

The man usually given the credit for organizing Umbanda is Zélio de Moraes. He was tall and blond and whit-skinned. He was raised a Catholic but constantly bothered with possessed by the spirit of a Brazilian Indian half-breed named Caboclo of Seven Crossroads. Caboclo was part Negro and part Indian. He was in direct communication with the African spirits of the Candomblé and also on excellent terms with the spirits of the local Indians. The people who came to

Zélio for consultation believed everything said, for after all, he was one of them. He was not the ghost of just any dead half-breed but was a half-breed spirit in the tradition of the African jungle spirits. He was a mixture of bloods. The Brazilians who talked to him were also a mixture of bloods. He knew their nation and had witnessed their history. He spoke their language, not some African tribal dialect. In short, he was theirs. He was one of them. That was terribly important.

Zélio had heard about Kardek and had been to some of the macumba meetings that were held in Rio à la Candomblé style, but Caboclo told him that neither creed was right and proceeded to dictate a brand-new set of rules, regulations, rituals, chants, drumbeats, herbal cures, curses, dance steps, etc. Before Zélio could set up his “tent”, or church, Rio police broke up the group. So he moved across the bay into the neighboring town of Niteroi. The police were easier on him there, and his congregation grew with each session. People came to him for advice, for cures and for comfort. His assistente began to be possessed by other native Brazilians spirits, spirits who represented slaves and others Indians. The Yorubá deities, also came down and possessed his helpers, and so did the spirits of the Roman Catholic Church. In one session there would be whites, blacks and Indians rolling and chanting, dancing and shouting and all ready to be consulted and to help the poor and uneducated.

Where the word “Umbanda” originates is also in doubt, but it could have come from the Sanskrit (! !) Aum-bandha, which means “the limit of the unlimited” or “the divine principle”. When Zélio inaugurated his church he did not call it after either African or Indian spirits, but chose to call “The Tent of Lady Piety”.

Texto traduzido:

O homem a quem geralmente se atribui o crédito da criação da Umbanda é Zélio de Moraes. Ele era alto, loiro e de pele branca. Foi educado no catolicismo, mas era constantemente molestado com a possessão de um espírito de um índio brasileiro mestiço chamado Caboclo das Sete Encruzilhadas. Caboclo é a denominação do ser

mestiço de índio e negro. Ele estava em comunicação direta com espíritos africanos do Candomblé e também em excelentes relações com os espíritos dos índios locais. O povo que vinha até Zélio para consultas acreditava em todas as coisas que o Caboclo dizia, por ser ele, antes de mais nada, um deles. Não era apenas o fantasma de algum mestiço morto, mas era um espírito híbrido na tradição dos espíritos da selva africana. Ele era uma mistura de sangue. Os brasileiros que conversavam com ele também eram uma mistura de sangue. Conhecia sua nação e havia testemunhado sua história. Falava sua língua, não o dialeto de alguma tribo africana. Em resumo, ele era um deles e isto era terrivelmente importante.

Zélio tinha ouvido sobre Kardec e havia estado em alguns encontros de macumba que ocorreram no Rio no estilo do Candomblé, mas o Caboclo disse a ele que nada do que se criara estava certo e ditou uma nova série de regras, regulamentos, rituais, cantos, toques de tambor, curas por meio de ervas, cursos, passos de danças, etc. Antes que Zélio pudesse levantar sua “tenda” ou igreja, a polícia do Rio freou o grupo. Então ele cruzou a baía em direção à cidade vizinha de Niterói. A polícia de lá foi maleável com ele e sua congregação crescia a cada sessão. O povo vinha a ele para obter conselhos, curas e conforto. Seus assistentes começaram a ser possuídos por outros espíritos brasileiros nativos, espíritos que representavam escravos negros e outros índios.

Os deuses Yorubás também vinham e incorporavam em seus ajudantes, e também vinham os espíritos da Igreja Católica Romana. Em uma sessão poderiam estar brancos, negros e índios girando e cantando, dançando e gritando, e todos prontos para serem consultados e para ajudar aos pobres e incultos.

De onde se origina a palavra “Umbanda” é ainda uma dúvida, mas ela poderia ter vindo do Sânscrito (!!) aum-bandha, o que significa “o limite do ilimitado” ou o “princípio divino”.

Quando Zélio inaugurou a sua igreja, ele não colocou o nome de espíritos africanos ou índios, mas escolheu chamá-la de “Tenda Nossa Senhora da Piedade”.